

COMO TORNAR O CAMINHO DO ESTUDANTE NEGRO SUAVE? A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Cristina Soares dos Santos¹

O caminho para um estudante negro não costuma ser um caminho nada suave na educação escolar, no entanto, está em nossas mãos as ferramentas para transformarmos esse caminho. Em minha pesquisa de mestrado desenvolvi um material pensando nessa narrativa antirracista e transformadora para os estudantes negros. A intenção desse material é descolonizar as mentes daqueles que lerem, é mostrar a beleza da ancestralidade africana através de três personagens na história local.

A primeira, Tereza de Benguela, que, no século XVIII, liderou o Quilombo do Quariterê em Mato Grosso por mais de 20 anos. A segunda, Mãe Bonifácia, uma grande curandeira, que herdou de seus ancestrais a sabedoria e o conhecimento das plantas e, além de curar seus irmãos, também os auxiliava nas fugas, viveu em Cuiabá – MT no século XIX, por fim Maria Taquara, que foi chamada transgressora por usar calça. Viveu em Cuiabá no período de muita restrição às mulheres, no período da chamada “Era Vargas”, inteligente e corajosa quebrou paradigmas em uma sociedade racista e machista.

Quando iniciei a pesquisa, voltada para o cumprimento da Lei 10639/2003 (que versa sobre a obrigatoriedade da história e cultura africana nos currículos escolares da educação básica) fui à biblioteca da escola para ver quais os materiais que haviam na escola que poderiam ser relevantes para trabalharmos sobre história e cultura africana e afro-brasileira nas aulas de História, percebi, então, que haviam poucos materiais e não havia nenhum falando sobre as mulheres na História da África, também não havia nada sobre História regional. A partir de então, comecei a unir a habilidade de ilustração, que foi algo herdado da minha ancestralidade, com a pesquisa acadêmica e elaborei um material didático, a saber: um livro ilustrado intitulado “Mulheres na História africana em Mato Grosso”, juntamente com um caderno de atividades que recebe o mesmo nome.

O material por mim elaborado traz uma série de assuntos tais como racismo, oralidade africana, ancestralidade, identidade, matriarcado e patriarcado e uma série de

¹ É professora de História pela Rede Estadual em Mato Grosso e Mestre em História pelo Mestrado em Ensino de História ProfHistória UFMT. E-mail: crisoares_s@hotmail.com.

possibilidades de se refletir sobre a contribuição africana na identidade brasileira, com a intenção de contribuir para que o ensino seja significativo e leve o estudante a ter prazer em estudar, em ter o caminho escolar como algo realmente suave.

Quando fui alfabetizada, minha cartilha se chamava “Caminho Suave”. Guardei por longos anos aquela cartilha, apesar de hoje perceber que meu processo de alfabetização e educação não tenham sido nada suaves. Na década de 1980, que foi quando aprendi a ler, a cartilha “Caminho Suave” trilhou comigo duros e difíceis momentos. Sobre ela despeji muitas lágrimas com a certeza de que nunca conseguiria aprender a ler. Lembro-me que na sua capa tinha um menino branco e uma menina loira e lá na frente, quase chegando na escola, havia um garoto negro acenando para trás. Porém, os protagonistas da cartilha eram majoritariamente brancos, desde a letra B, representada por um bebê loiro, até ao Z representado pela cozinheira Zazá, que era branca. No entanto, nunca reparei na falta de representatividade da cartilha, porque para mim já era natural não ver a minha cor representada em nenhuma revista ou livro que tinha acesso. O que ficou marcado como “nada suave”, em meu “caminho” escolar, foi a sensação estranha que eu sentia todos os dias na escola, uma sensação que eu nunca soube explicar para minha mãe, uma sensação de “não pertencimento” naquele espaço. Eu demorei muito tempo para ser alfabetizada, então passei a maior parte do tempo na “sala dos burros”. Me lembro que só voltei pra sala “forte” quando estava na lição do Pato (Lição do P). Estar por tanto tempo na sala dos “burros” me levou a nunca gostar de estudar. Só estudava com dedicação para poder não apanhar, mas nunca tive segurança sobre minha inteligência. Descobri minha capacidade intelectual já na graduação em História. No ensino básico, por mais que eu conseguisse boas notas, nada me convencia de que meu lugar era na escola. Minha mãe dizia que ali nós deveríamos ficar em silêncio e foi dessa forma que permaneci por toda trajetória escolar. No ensino Médio, quando já não havia mais a presença de minha mãe e resolvi sair do silêncio, entrei em uma discussão sobre escravidão no Brasil com uma professora de História que dizia que os negros foram passivos no processo de escravidão. Sem argumentos fui ridicularizada pela turma e pela professora. Nesse dia entendi porque minha mãe dizia que deveríamos permanecer calados na sala de aula.

O caminho para quem é negro no Brasil não é nada suave. O ambiente escolar é um lugar deveras difícil. Ouvir tantos discursos racistas e permanecer em silêncio, sem saber nos defender, talvez seja a parte mais amarga do “caminho escolar”. É angustiante não ser

visto nas representações dos livros didáticos, mas ser visto como aberração é ainda mais doloroso.

Minha mãe, já nos primeiros anos de casamento, desenvolveu uma doença de pele chamada vitiligo, a doença foi tão grave que tomou conta de todo o seu corpo. Muitas vezes ela voltava do trabalho bem nervosa e chorava porque as pessoas a viam como uma “aberração”. Hoje, imagino como aquilo deveria ser doloroso para ela. A doença tomou conta de todo o seu corpo, por ela não ter tantos traços “negroides”, era como se fosse uma pessoa branca com vitiligo, as pessoas estranhavam sermos seus filhos legítimos. O que para mim é muito marcante nessa situação, era o quanto ela não gostava quando as pessoas pensavam que ela era branca, em sua referência de beleza ela sempre se lembrava da cor que tinha antes, uma pele que não era tão sensível ao sol e que a fazia ser uma mulher bonita, ela costumava dizer que a cor que tinha antes era tão bonita como a nossa, para mim, isso fez uma diferença muito grande na construção da minha identidade racial. O vitiligo foi literalmente a máscara branca que ela se recusava a usar.

O discurso de branqueamento faz com que, desde cedo, uma pessoa negra acredite que sua cor é anormal e, dessa forma, busque utilizar uma máscara para tentar sair de sua condição de “anormalidade”. Branquear-se se torna uma alternativa para fugir da angústia que é causada pela sensação de ser classificado como aberração pela sociedade racista. Quando se é forçado a utilizar uma máscara branca, a tendência é acreditar que os demais negros também devam utilizá-la. De toda forma, essa alienação não é algo consciente, ela nasce a partir das práticas de racismo presentes na sociedade. Fanon fala a respeito dessa situação de alienação na citação abaixo:

Compreendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição do ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. (FANON, 2008, p. 60)

No Brasil, algumas pessoas que são influenciadas por um discurso como a ideologia do branqueamento tendem a reproduzir o preconceito pelo qual passaram grande parte de sua vida, mas, seria um grande equívoco julgarmos essas atitudes sem antes analisarmos a origem do problema. Nesse sentido, o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana contribui para refletirmos sobre este assunto:

Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento que divulga a ideia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. Cabe lembrar que, no pós-abolição, foram formuladas políticas que visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros. Nesse sentido, é possível que pessoas negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim, tendam a reproduzir o preconceito do qual são vítimas. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. 2004 p. 16)

Alguns componentes históricos, políticos e econômicos sustentaram uma ideologia de branqueamento no Brasil, que foi responsável por causar muitos danos à sociedade ainda hoje.

No século XIX, a ciência começou a ser utilizada para dar valor a dominação racial. Estudos foram realizados de maneira tendenciosa, a fim de comprovar a superioridade da raça branca sobre as não brancas. No Brasil, o campo denominado eugenia² se fortaleceu no século XX. Abordando métodos científicos sobre raça, o eugenismo desencadeou um processo da teoria que considerava os negros inferiores e os mulatos degenerados³, como afirma Telles (2003).

² A eugenia é a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras. O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911), em 1883. A palavra eugenia deriva do grego e significa "bom em sua origem ou bem nascido". A eugenia defende que raças superiores e de melhores estirpes conseguem prevalecer de maneira mais adequada ao ambiente.

³Sobre esse assunto conferir: Weber Lopes Góes, em sua dissertação de mestrado intitulada "Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl".

Os Iluministas criam na racionalidade, encarando-a como única e legítima fonte de autoridade. Neste sentido, quaisquer distinções estabelecidas, alheias ao exercício da mesma, seriam irracionais e ilegítimas. O europeu utiliza de um discurso denominado por ele mesmo de científico que “prova” que o negro está em uma condição de inferioridade em relação ao branco, com relação à arte, a ciência ou em qualquer outra aptidão ou capacidade mental. Ao se referir a religião dos negros, Kant, que é um dos grandes nomes da filosofia europeia e é leitura obrigatória para os alunos do Ensino Básico, chega a afirmar que esta seria a religião do fetiche, algo extremamente ridículo. Nos textos dos iluministas Kant, Hegel e Voltaire ficam explícitos o racismo existente em seus discursos e a ideia de uma irracionalidade natural por parte do negro. Abaixo, vejamos a citação de Voltaire:

[...] Descendo sobre este montículo de lama e não tendo maiores noções a respeito do homem, como este não tem a respeito dos habitantes de Marte ou de Júpiter, desembarco às margens do oceano, no país da Cafraria, e começo a procurar um homem. Vejo macacos, elefantes e negros. Todos parecem ter algum lampejo de uma razão imperfeita. Uns e outros possuem uma linguagem que não compreendo e todas as suas ações parecem igualmente relacionar-se com um certo fim. Se julgasse as coisas pelo primeiro efeito que me causam, inclinar-me-ia a crer, inicialmente, que de todos esses seres o elefante é o animal racional. Contudo, para nada decidir levianamente tomo filhotes dessas várias bestas. Examino um filhote de negro de seis meses, um elefantezinho, um macaquinho, um leãozinho, um cachorrinho. Vejo, sem poder duvidar, que esses jovens animais possuem incomparavelmente mais força e destreza, mais ideias, mais paixões, mais memória do que o negrinho e que exprimem muito mais sensivelmente todos os seus desejos do que ele. Entretanto, ao cabo de certo tempo, o negrinho possui tantas ideias quanto todos eles. Chego mesmo a perceber que os animais negros possuem entre si uma linguagem bem mais articulada e variada do que a dos outros animais. Tive tempo de aprender tal linguagem e, enfim, de tanto observar o pequeno grau de superioridade que a longo prazo apresentam em relação aos macacos e aos elefantes, arrisco-me a julgar que efetivamente ali está o homem. (VOLTAIRE, 1984, p. 62)

Teorias como a de Voltaire serviram de base e ainda servem para que se construa e se reforce estereótipos com relação as pessoas negras. A narrativa sobre a condição do negro como animal irracional, a comparação a animais como os macacos, por exemplo, é algo frequentemente utilizado na escola, quando estudantes não negros querem ofender os estudantes negros. Não apenas na escola, essa é uma ofensa muito comum de ser ouvida em diversos ambientes, para além dos muros da escola. Ela não é natural, na verdade tem sua raiz histórica.

Iluministas como Kant, Hegel e Voltaire são cânones na Filosofia, colocados como a base da filosofia que é ensinada na educação básica no Brasil. Esses autores extremamente racistas serviram para legitimar atitudes de violência contra as populações negras, mesmo assim, são autores presentes no contexto escolar tidos como referência para “guiar” os estudantes na busca pela sabedoria.

A desumanização não diferenciava mulheres ou homens negros, pois, ambos eram subjugados da mesma maneira, tanto um quanto o outro foram colocados na categoria de animais irracionais, desprovidos de inteligência ou qualquer capacidade mental, artística, religiosa, entre outras. A narrativa eurocêntrica coloca no topo da hierarquia o homem branco, a mulher segue com um papel secundário, a narrativa eurocêntrica é patriarcal e racista. No entanto, apesar de patriarcal, os lugares de poder não serão ocupados por homens negros. Devido ao racismo, corpos negros (masculinos e femininos) não podem ocupar os mesmos espaços de poder que os corpos brancos ocupam. Segundo Grada Kilomba:

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, em casa, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: Na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. (KILOMBA,2019, p.56)

É possível notar, com Grada Kilomba, que diferente dos corpos brancos, tanto os corpos de mulheres como de homens negros não são corpos aceitos. A maioria dos lugares, que não sejam a margem, são destinadas aos brancos. O racismo nos rotula, nos exclui e nos violenta, sendo assim, devemos, homens e mulheres, nos unir e ocupar esses lugares,

tendo consciência que são lugares que nos pertencem. A alienação racial nos leva a ver o negro/a como nosso inimigo/a e, assim, lançarmos sobre ele a culpa que não é sua e sim do colonizador. O racismo constrói e propaga um discurso que coloca tanto homens como mulheres em uma posição de inferioridade.

Trilhar os caminhos escolares para aqueles que não se enquadram ao discurso eurocêntrico é algo realmente doloroso, ser visto como corpo excluído, inferiorizado tem provocado uma série de traumas para esses estudantes. Os rótulos colocados pelo colonizador devem ser desconstruídos por nós professores, esse dever de desconstruir a narrativa racista e construirmos uma narrativa antirracista é nosso.

Para os estudantes, negros e não negros, a escola deve ser um lugar onde eles possam se armar para combater o racismo presente na sociedade e, nas palavras de Petronilha e Silva (2016), isso deve ser feito em conjunto com os demais cidadãos e cidadãs, de modo a tornar possível a construção de uma sociedade que definitivamente inclua, respeite e apoie a todos. A escola poderia servir, então, como um refúgio, não no sentido de abrigo, mas de uma fortaleza para a qual pode recorrer todo aquele que busque conhecimento mais profundo, um instrumento para fazer conhecido o povo negro e sua luta.

Nesse sentido, é possível nos munirmos de ferramentas para combater os discursos eurocêntricos tão fortemente presentes na escola. É importante que a educação possibilite aos estudantes negros re(construírem) sua identidade de forma positiva, não obstante, para que isso aconteça é importante que o professor ou professora lance mão de conhecimentos, pesquisas que possibilite a construção de uma contra narrativa antirracista no ambiente escolar. Essa é a principal proposta presente no material abaixo disponibilizado.

Link do material: <https://drive.google.com/drive/folders/1GvnGdkj-I0it1J2Kx-lgks262nOSmGau?usp=sharing>

Vídeo explicativo: <https://youtu.be/gXXmmBXUWQ4>

Entrevista com a professora Cristina Soares – Mulheres negras na história: estratégias para implementação da lei 10639-03: <https://www.youtube.com/watch?v=qka25z0FIcI>

Portfólio: <https://portfoliocrisgriot.blogspot.com/>

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo da História única*, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc> acesso dia 12/05/2021.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004.
- CARVALHO, J. J. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. *Cinética: revista eletrônica*, Rio de Janeiro, p. 1-14, jan. 2008.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia do Iluminismo*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1994.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.
- GATTI JÚNIOR, Décio. *A Escrita Escolar da História: Livro Didático e Ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- GÓES, Weber Lopes. *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios De Racismo Cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1º Ed. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019.
- SANTOS, C. S. *Mulheres na História Africana Em Mato Grosso* (livro ilustrado e caderno de atividades). Mestrado Profissional em Ensino de História (profhistória) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/1GvnGdkj-I0it1J2Kx-lgks262nOSmGau> Acesso: 08/07/2021.
- SANTOS, C. S. ERGUER A VOZ: A LUTA E A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA ANTIRRACISTA NO CONTEXTO ESCOLAR. POR UMA HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS PROTAGONISTAS. (dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História (profhistória) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso), UFMT: Cuiabá, 2021.
- VOLTAIRE. *Tratado de metafísica*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril, 1984.